A Teologia Negra como episteme africana

Francisco Antonio de Vasconcelos[1]

Pedro Felipe Oliveira de Melo[2]

RESUMO

O presente artigo, fruto de uma pesquisa interdisciplinar, tem como objetivo principal apresentar a Teologia Negra como um tipo de episteme africana em nossos dias. Nesse sentido, ela está situada no ambiente de luta pós-colonial dos/as africanos/as e afrodescendentes contra toda e qualquer forma de escravidão, discriminação e desrespeito que lhes são impostos, como indivíduos e coletividades. Por se tratar de uma episteme, refletimos sobre a disputa histórica por território de conhecimento, que envolveu dentre outros atores a ciência moderna e a Teologia, e que levou esta última a ter de se justificar como ciência no século XX. Quanto ao surgimento da Teologia Negra, observemos que, internamente (no âmbito da própria Teologia), o ambiente teológico cristão é de necessidade de dialogar com o mundo moderno; externamente (nos Estados Unidos), o ambiente são as lutas por direitos civis e contra a discriminação dos negros naquele país, isto propiciará significativas contribuições de teólogos americanos para a Teologia Negra. À medida que o tempo vai avançando, a Teologia Negra, ultrapassando as fronteiras americanas, vem ganhando o mundo, estando presente tanto na África quanto no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

Pensamento africano; Teologia negra; Fé e política; Libertação.

[1] Pós-Doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor Adjunto II da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Lattes: 8144685369385297. E-mail: franciscoantonio@ccm.uespi.br. ORCID: 0000-0001-6907-2940.

[2] Licenciando em História pela Universidade Federal do Piauí (UESPI). Programa de Bolsas de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí "Professor Afonso Sena Gonçalves" (PBIC/FAPEPI). Lattes: 8184268595443368. E-mail: pedro@alunu.uespi.

Black Theology as African episteme

ABSTRACT

This paper, the result of interdisciplinary research, has as its main objective to present Black Theology as a type of African episteme in our days. In this sense, Black Theology is situated in the environment of the post-colonial struggle of Africans and Afro-descendants against any and all forms of slavery, discrimination and disrespect imposed on them, as individuals and collectives. Since it is an episteme, we reflect on the historical dispute over territory of knowledge, which involved, among other actors, modern science and Theology, and which led the latter to have to justify itself as a science in the 20th century. Regarding the emergence of Black Theology, we observe that, internally (within the scope of Theology itself), the Christian theological environment is one of need to dialogue with the modern world; externally (in the United States), the environment is the struggles for civil rights and against discrimination against blacks in that country, which will provide significant contributions from American theologians to Black Theology. As time goes by, Black Theology, going beyond American borders, has been conquering the world, being present both in Africa and in Brazil.

KEYWORDS

African thought; Black theology; Faith and politics; Liberation.

La Teología Negra como epistemología africana

RESUMEN

Este artículo, fruto de una investigación interdisciplinaria, busca presentar la Teología Negra como un tipo de episteme africano en nuestro tiempo. En este sentido, se sitúa dentro de la lucha poscolonial de africanos y afrodescendientes contra todas las formas de esclavitud, discriminación y falta de respeto que se les impusieron, tanto individual como colectivamente. Al tratarse de una episteme, reflexionamos sobre la disputa histórica por el territorio del conocimiento, en la que participaron, entre otros actores, la ciencia moderna y la Teología, y que llevó a esta última a justificarse como ciencia en el siglo XX. Respecto al surgimiento de la Teología Negra, observamos que, internamente (dentro de la propia Teología), el entorno teológico cristiano se caracteriza por la necesidad de dialogar con el mundo moderno; externamente (en Estados Unidos), el entorno se caracteriza por las luchas por los derechos civiles y contra la discriminación de las personas negras en ese país, lo que propiciará importantes contribuciones de teólogos estadounidenses a la Teología Negra. Con el paso del tiempo, la teología negra, trascendiendo las fronteras estadounidenses, ha ido ganando terreno en todo el mundo, estando presente tanto en África como en Brasil.

PALABRAS CLAVE

Pensamiento africano; Teología negra; Fe y política; Liberación.

Recebido: 14/03/2026
Aceito: 07/07/2026
Publicado: 11/11/2026

DOI: https://doi.org/10.59780/cvns8568

Considerações iniciais

Este texto é consequência de uma pesquisa de PIBIC realizada por nós, que investigou como a teologia negra pode ser dita um conhecimento de resistência e de libertação africana. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa e descritiva, que caminhou pelas sendas da interdisciplinaridade. Escolhemos fazer esse percurso por se tratar de uma exigência do próprio objeto de estudo desse nosso trabalho de investigação acadêmica, isto é, a Teologia Negra. Sendo assim, tivemos sempre presente que um dos objetos de interesse do pensamento filosófico, por excelência, é compreender o que afinal é o homem. Como não poderia ser de modo diferente, esta pergunta, muito prontamente, conduz a Filosofia a levantar outra questão, desta vez, a respeito do transcendente. Exatamente aí, acontece o encontro entre a Filosofia e a Teologia (Mbiti, 1969). Entretanto, quando o assunto for a Teologia Negra, o ambiente no qual a discussão ocorre é constituído pela importante participação de subáreas do conhecimento como a Sociologia, História, Economia e Política.

Para que se compreenda melhor a situação tanto da Teologia como ciência quanto, especificamente, da Teologia Negra como uma de suas ramificações, devemos ter diante dos olhos a luta por espaço epistemológico que a transição da Idade Média para a Modernidade desencadeou. Nesse sentido, constata-se um percurso histórico que vai do domínio epistêmico exercido pela Teologia ainda no século XV para uma situação de desqualificação dessa área do conhecimento no século XIX.

Por fim, há de se destacar também o quadro histórico no qual se deu o advento da Teologia Negra. De fato, ela surgiu em uma conjuntura bastante desafiadora: de pós Segunda Guerra Mundial; de lutas e debates contra a colonização do continente africano, visando a libertação dos países de África; mas também de discussões a respeito do panafricanismo; de geopolítica marcada pela guerra fria; finalmente, para não nos estendermos demasiadamente, de debate teológico marcado pelos esforços da Teologia em estabelecer vínculos dialógicos com o mundo contemporâneo.

1. Sobre a teologia como um tipo de conhecimento acadêmico

Em síntese, esta foi a evolução histórica que se observou ao longo dos séculos: o ponto de partida é o ambiente teocêntrico do século XV, no qual a rainha das ciências era a Teologia – para ela, o *objeto* a ser conhecido era Deus (objeto absolutamente superior ao homem), mas também o *sujeito* por excelência desse conhecimento era o próprio Deus, pois nenhum ser humano tem condições de conhecer por seus próprios meios um objeto que lhe é absolutamente superior (Ippolito, 2010; Bernardi, 2010). Com a Filosofia Renascentista (final do século XV e século XVI) o teocentrismo é substituído pelo antropocentrismo, e já não se tratava mais de conhecer Deus e o seu mundo, mas de compreender o funcionamento da natureza (o mundo dos homens), atividade a ser realizada pelo ser humano mesmo (Oliveira, 2008). Portanto, houve uma mudança tanto no objeto quanto no sujeito do conhecimento.

Como resultado disto, ocorreu a revolução científica no século XVII. A nova ciência (ciência moderna, ciências da natureza, ciências empíricas), à medida que se fortalecia, gradativamente, invadia o terreno antes ocupado pela Teologia. Assim, como resultado desse processo, temos o ateísmo moderno no século XIX. Ao longo do processo, observa-se a perda de importância na seguinte sequência: da Teologia, Metafísica, Filosofia e das Ciências Humanas. No final do século XIX, temos o empirismo endeusando as ciências modernas e, no início do século XX, o neopositivismo propondo a visão científica do mundo. Entretanto, ainda no século XIX, observa-se as Ciências Humanas se movimentando para reconquistar espaços perdidos. Em seguida, a Filosofia, a Metafísica e, finalmente, a Teologia vão, ao longo do século XX, retomando o espaço que haviam perdido. Dessa forma, décadas atrás nos deparamos com a Teologia tendo de se justificar como ciência.

Em 1929, foi publicado *Wissenschaftiche Weltauffassung der Wiener Kreis*, texto dedicado a Moritz Schlick. De certa forma, o texto é um documento que atesta a existência de um Círculo de Viena e de uma concepção científica própria às pessoas que compunham o referido Círculo. Os autores destacam dois fatos observáveis em 1929: de um lado, o crescimento do interesse pelo "pensamento metafísico e teologizante"; de outro lado, via-se crescer também o interesse pela "pesquisa antimetafísica dos fatos" (Carnap; Hahn; Neurath, 1986, p. 6).

A oposição ao pensamento metafísico estava espalhada por todos os lados (Inglaterra, Estados Unidos, Nova Rússia, Europa Continental). Viena foi terra fértil para o desenvolvimento dessa rejeição à metafísica.

> Na segunda metade do século XIX, o liberalismo era, havia muito, orientação política ali dominante. Seu mundo intelectual provém do iluminismo, do empirismo, do

> utilitarismo e do movimento do livre-comércio da Inglaterra. No movimento liberal vienense, eruditos de reputação mundial ocuparam posições de liderança. O espírito antimetafísico foi cultivado (Carnap; Hahn; Neurath, 1986, p. 6).

Nas primeiras décadas do século XX, na cidade de Viena, foi desencadeado um intenso debate, que vinculava os mais variados problemas às ciências empíricas. Figuras como Ernst Mach (que quis libertar as ciências empíricas e, sobretudo a Física, da influência advinda da metafísica), Ludwig Boltzmann (ligado à questão da fundamentação da Física, aproximando epistemologia e lógica), Franz Brentano (sacerdote católico que dialogava com a lógica da Escolástica e com a reforma leibniziana da lógica, envolvido com o movimento de busca de uma nova fundamentação para a lógica), Josef Popper-Lynkeus (rejeitou a metafísica), Carl Menger (com o método científico da Escola da utilidade Marginal) e Otto Bauer (com a teoria marxista) exemplificam isso (Carnap; Hahn; Neurath, 1986, p. 7-8).

O movimento cientificista, que termina desembocando no neopositivismo do Círculo de Viena (*Wiener Kreis*), impõe para as mais variadas subáreas das Ciências Humanas, especialmente para a Filosofia e a Teologia, a "necessidade" de se justificarem como ciências válidas.

O texto do professor Rudolf von Sinner (2007) enfrenta a questão da cientificidade da Teologia, mostrando que, nesse aspecto, ela sofre um duplo ataque: alguns (de outras ciências) colocam em dúvida ou simplesmente negam o seu caráter científico; enquanto outros (certos fiéis) sentem medo de perder a própria fé ao estudarem a Teologia investida da referida cientificidade. A via de saída, proposta por ele no artigo, é o foco na metodologia utilizada na academia, isto é, "[...] a teologia como a reflexão metodologicamente responsável sobre o falar de Deus" (Sinner, 2007, p. 57).

Em *Por que teologia "científica"?* (Brandt, 1972), um texto apresentado na Conferência de Professores Luteranos da América Latina, realizada em 1972 na cidade gaúcha de São Leopoldo, o leitor é advertido logo no início: "a idéia de que a teologia seja uma ciência é negada tanto pela ciência, como também no âmbito da própria Teologia" (1972, p. 94). Alguns argumentos levantados contra a cientificidade da Teologia, também se aplicariam ao conjunto das ciências humanas, sublinha o autor, pois "pressupõem um conceito restrito de ciência" (1972, p. 94). Entretanto, a "[...] Teologia contesta a reivindicação de se poder dizer algo cientificamente válido sobre a totalidade do homem" (Brandt, 1972, p. 95-96).

Aqueles que procuram desqualificar o conhecimento teológico, por não ter cientificidade, fazem isso recorrendo basicamente à seguinte ideia de ciência: a) ela deve ser

pura e, por isso, dispensa pressupostos alheios a ela própria; b) ela diz respeito apenas a objetos sensíveis; c) o seu interesse se limita ao conhecimento do mundo imanente. De fato, se fosse assim, não seria possível falar dela como ciência, uma vez que: a) a sua busca pela verdade está diretamente vinculada ao estudo de textos ofertados por uma Tradição específica; b) o conhecimento teológico caminha sobre uma via dupla, ou seja, a razão e a fé, não são caminhos opostos, mas complementares, sendo a fé uma via indispensável para a Teologia; c) o chão sob o qual ela se firma é um conjunto de axiomas externos a este mundo (Brandt, 1972, p. 94-95).

Esse mesmo espírito cientificista, que desqualificava a teologia ocidental, também torcia a cara para o conhecimento advindo do continente africano, especialmente, o da África subsaariana. Isto fica evidente quando se considera a negação antropológica direcionada ao africano, que era utilizada por muitos ocidentais para defender a inexistência de um pensamento filosófico africano, como se filosofar não estivesse à altura do intelecto das populações africanas (Boulaga, 1977).

Na discussão para definir a epistemologia africana, nós nos unimos à posição de Etta e Asukwo (2019). Para eles, a filosofia africana é um pressuposto da epistemologia elaborada por esses povos, e essa epistemologia tem vínculos profundos com a tradição de suas respectivas populações. Além disso, ela possui inclinações metafísicas e espirituais, coexistindo de modo harmonioso com a *natureza*, portanto, considerando a realidade como algo que vai além do mundo empírico. Por isso, diferente da visão cientificista proposta pelo neopositivismo ocidental. Em síntese: "a filosofia africana fornece a atitude epistemológica que pode ser considerada africana. A atitude epistemológica africana é derivada de sua concepção de realidade, que é holística, ontológica e apresenta uma perspectiva da tradição oral" (Etta; Asukwo, 2019, p. 281).[3] Dessa visão metafísica da realidade, deriva outra importante característica da epistemologia africana, isto é, uma antropologia que apresenta o homem como inseparável do mundo (Egbeke, 1993 *apud* Etta; Asukwo, 2019).

Nesse sentido, não nos parece exagero afirmar que um elemento unificador do pensamento filosófico da África pós-colonial (que já estava presente como um instrumento de libertação das populações africanas, desde as lutas pela sua independência) é o esforço consciente para elaborar um pensamento decolonial (Gyekye, 1992; Mazrui, 1980; Mbembe, 2001; Mudimbe, 2013; Obenga, 2013; Towa, 2015; Wiredu, 2002). De fato, esse pensamento

[3] Nossa tradução de: "African philosophy provides the epistemological attitude that can be said to be African. The African epistemological attitude is derived from her conception of reality, which is wholistic, ontological and features a perspective from oral tradition".

filosófico africano aparece como uma ferramenta de libertação das amarras não apenas políticas e econômicas, mas também culturais e epistêmicas (Diouf, 2019). É com essas credências que a filosofia africana, muito mais do que a tradição filosófica ocidental, será utilizada pela Teologia Negra, pois esta também é uma episteme de libertação africana.

2. Teologia Negra

Contribuições dos teólogos americanos

Em *Teologia Negra: uma introdução*, uma palestra proferida pelo professor Filipe Dunaway, o autor se refere especialmente ao artigo *Black Theology*, de James Cone. O conferencista explica:

> para podermos compreender adequadamente esta nova teologia, é indispensável refletirmos um pouco sobre as condições históricas que geraram a necessidade para uma teologia especificamente negra nas Américas. Portanto, consideraremos os dois séculos da escravidão dos negros e o período subsequente de racismo institucionalizado (Dunaway, [20--?], p. 1).

Ao falarmos de Teologia Negra, devemos entender que se trata de "um movimento[4] teológico que surgiu entre os cristãos negros nos Estados Unidos da América na segunda metade da década dos 60" (Dunaway, [20--?], p. 1). O seu nascimento, portanto, está situado em um ambiente histórico de lutas contra um modelo de organização social que, na segunda metade do século XX, ainda permite a opressão das elites brancas detentoras do poder (político e econômico) sobre os afrodescendentes dos Estados Unidos (Dunaway, [20--?]). Trata-se de um movimento no qual se pode perceber nitidamente um *telos*, a libertação. Não se trata apenas de libertar espiritualmente (como não pode deixar de ocorrer, uma vez que se trata de um movimento teológico), mas esse conceito de libertação é mais amplo, mais abrangente, pois o que deve ser libertado é o ser humano em sua totalidade, isto é, tanto na sua dimensão espiritual quanto na sua dimensão corporal (social, política).

Assim, a experiência bíblica do êxodo vivenciada pelo povo de Israel, que havia sido escravizado pelos egípcios, converte-se em uma referência histórico-religiosa para os negros afro-americanos, especialmente, nos anos 1960. Há uma diferença entre a Teologia Negra e outras teologias/movimentos teológicos como a Teologia da Libertação ou a Teologia

[4] Nesse sentido, a Teologia Negra pode ser colocada junto a uma série de esforços, internos à própria Teologia cristã, de renovação do pensamento teológico através do estabelecimento de diálogos com o mundo moderno, ao lado de movimentos como a Teologia Liberal, a Nova Teologia e, posteriormente, a Teologia da Libertação.

Feminista, "[...] ao evitar o uso da análise social-económica marxista e ao concentrar-se na libertação de uma raça oprimida ao invés de uma classe social-econômica ou de um grupo oprimido por causa de seu sexo" (Dunaway, [20--?], p. 1).

Nos Estados Unidos, a história do racismo contra a população negra nos apresenta experiências terríveis como os duzentos anos de escravidão e, na sequência, o racismo institucionalizado. Observemos:

> mesmo depois de sua emancipação em 1865, após a Guerra Civil nos EUA, os negros foram submetidos a cem anos de opressão institucionalizada [...]. Os negros nem podiam usar os restaurantes, hotéis ou banheiros reservados para os brancos. Todas estas injustiças foram sancionadas pelas leis federais ou estaduais até [que] o Congresso passou a "Lei dos Direitos Civis" em 1964 (Dunaway, [20--?], p. 3).

Deve ser destacado que James Cone, um dos autores basilares para a formação da consciência negra no século passado, lançou as bases da Teologia Negra com o seu livro *Black Theology and Black Power* (Cone, 1997).

Em *Teologia Negra como forma de libertação da opressão* (Oliveira; Silva, 2022), temos uma resenha do livro *Black Theology of liberation* (Cone, 1970), e traduzido para o português com o título de *Teologia Negra*. Mas atenção para o esclarecimento do resenhista, advertindo que não se faça confusão com outro livro do Cone, ao qual fizemos referência no parágrafo anterior, isto é, *Black Theology and Black Power*, cuja primeira edição é de 1969, que na versão portuguesa também recebeu o título de *Teologia Negra*.

O artigo *Teologia Negra da libertação em James Cone* (Andrade; Santos, 2018) apresenta uma descrição do sujeito dessa teologia, discute o papel do teólogo negro e destaca o caráter orgânico e comunitário dela. Vale ressaltar a síntese que o texto oferece sobre o ambiente no qual nasceu a Teologia Negra:

> a reflexão teológica negra nos Estados Unidos surge na segunda metade dos anos 1960, hegemonicamente protestante, inspirada na tradição da experiência religiosa na Igreja Negra e a histórica resistência negra contra a escravidão, tendo como pano de fundo a luta do Movimento dos Direitos Civis e o Movimento de Poder Negro. [...] É pensada em consonância com as demandas sociais e políticas da comunidade negra (2018, p. 356).

Assim como ocorre com a Teologia da Libertação, também para a Teologia Negra "a fé está organicamente vinculada às condições materiais de existência" (Andrade; Santos, 2018, p. 356). Nesse sentido, conforme já mencionamos acima, ambas estão interessadas na libertação

integral do ser humano, considerando-o não apenas como um ser transcendente, mas um ser também pertencente a este mundo (espiritual, mas corpóreo).

Esta percepção da Teologia Negra a respeito da imanência humana permite tanto que ela adquira sensibilidade para perceber as carências materiais e históricas da criatura humana enquanto disposição para lutar a fim de superar tais carências. Movimentando-se nessa mesma direção "imanentista", podemos citar o *Teoquilombismo*, que situa a Teologia Negra entre teologia política e teologia da inculturação (Caldeira, 2021).

> Portanto, trata-se de uma teologia engajada, que se situa criticamente em uma sociedade marcada pela segregação racial e heranças culturais e sociais da colonização e da escravidão, e que, diante desse cenário, se empenha por processos de transformação (Andrade; Santos, 2018, p. 356).

Aqui, ao tratarmos de um movimento teológico do século XX que se deu no interior da religião cristã, somos impelidos a recordar a importância da relação histórica fundante do Cristianismo com a África. Tenhamos diante de nossos olhos, por exemplo, o relevante papel desempenhado pelos africanos pertencentes à Patrística Latina ou à Patrística Grega. Sem dúvidas, fundamental foi a participação do Norte da África para o Cristianismo, em seus primeiros séculos, esta afirmação vale tanto para as igrejas ali atuantes (Cartago, Alexandria) quanto para personalidades (Tertuliano, Agostinho, Cipriano).

O artigo *"El cristianismo occidental nació en el sur del mediterrâneo"*[5]*: el norte de África y los comienzos de la literatura cristiana latina* (Moreno, 2014) retoma a tese de Henri Teissier, de acordo com a qual o berço do cristianismo ocidental não foi a Europa, mas o norte da África. Para ilustrar essa linha de raciocínio, que serve de fio condutor de seu escrito, Marrero Moreno, logo na introdução, cita o Papa João Paulo II que, na exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Africa* (Santa Sé, 1995), levanta vários nomes africanos dos primórdios do cristianismo (bispo, santos, santas, papas) dentre os quais membros da Patrística, tanto grega quanto latina. Esta é a citação:

> nos vêm à memória os nomes dos grandes doutores e escritores como Orígenes, Santo Atanásio, São Cirilo, luminares da escola alexandrina, e na outra parte da costa

[5] Atenção: Marrero Moreno colocou o título de seu artigo entre aspas mesmo, pois se trata de uma importante afirmação proferida pelo professor Claude Lepelley em uma de suas palestras, na qual negava a tese de que o cristianismo teria a sua origem no continente europeu.

> mediterrânea africana, Tertuliano, São Cipriano e sobretudo Santo Agostinho, uma das luzes mais brilhantes da cristandade (*apud* Moreno, 2014, p. 42).[6]

Tendo surgido há seis décadas, nós Estados Unidos, em um ambiente sócio-histórico e cultural de segregação racial que levou grupos cristãos a vincular fé e política como meio de alcançar a libertação integral das populações negras, a Teologia Negra vem se expandindo gradativamente para outros países com o passar do tempo.

3. O cenário atual da Teologia Negra

Em seu movimento de expansão (o qual também é concomitantemente um esforço de autoconstrução dialógica) para novos espaços além do solo estadunidense, a Teologia Negra vem passo a passo ampliando a sua zona de influência, direta ou indiretamente, mostrando-se ser um tipo de pensamento vinculado à orientação da práxis. Nessa dinâmica, ela contribui (ou pode contribuir) para o enriquecimento do pensamento teológico em si, pois, dentre outros aportes, ela fortalece a capacidade dialógica da Teologia (tanto no ambiente religioso, entre os diferentes ramos do Cristianismo e entre as diferentes religiões, quanto do Cristianismo com o mundo moderno), bem como mostra para a própria Teologia a necessidade de não desprezar a dimensão histórica da pessoa humana: isto, para nós, a pesquisa deixou bastante claro.

3.1. *No continente africano*

No artigo *Teologia formal africana* (Vicente, 2022) o teólogo moçambicano contrapõe à teologia formal (burguesa) a teologia informal (não-burguesa). Das abordagens possíveis em relação à Teologia africana, ele nos oferece três:

> a) uma abordagem teológica que, reconhecendo os valores inerentes às religiões tradicionais, descobre aí uma preparação para o Evangelho; b) uma teologia crítica que nasce do contato com a Bíblia, da abertura às realidades africanas e do diálogo com as teologias não africanas; c) uma teologia negra que toma em consideração a experiência de opressão e a luta pela libertação e encontra a sua inspiração na fé bíblica, expressa na linguagem e nas categorias da África (Vicente, 2022, p. 51).

[6] Nossa tradução de: "nos vienen a la memoria los nombres de los grandes doctores y escritores, como Orígenes, San Atanasio, San Cirilo, lumbreras de la escuela alejandrina, y en la otra parte de la costa mediterránea africana, Tertuliano, San Cipriano, y sobre todo San Agustín, una de las luces más brillantes de la cristiandad".

Em outra passagem, o autor destaca que a teologia africana é um fato, apresenta o papel a ser desempenhado pelo teólogo africano assim como as vinculações desse tipo de conhecimento.

> A teologia africana já fez sua aparição e ela está viva e, portanto, a tarefa dos teólogos africanos consiste em criar uma teologia que brote do povo africano e que tenha relevância para ele. Acredita-se que a teologia africana deve ser compreendida no contexto da vida e da cultura africanas e do esforço criador dos povos de África para constituir um novo futuro, diverso do passado colonial e do presente neocolonial (Vicente, 2022, p. 52).

Em *Teologias em contexto africano* (Nunes, 2020), fazendo um percurso histórico a partir do processo de colonização das Américas, o autor apresenta de modo crítico as teologias da missão na África:

– Do século XV até o século XIX, a atividade teológica era marcada pelo desrespeito às culturas locais. Segundo o autor, nesse período, "a missão esteve ligada ao tráfico de escravos" (2020, p. 248);

– Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, o objetivo era "plantar em África uma(s) Igreja(s) como no Ocidente" (2020, p. 248);

– Nós últimos setenta ou oitenta anos, temos um cenário em que "nascidas do movimento negritude, certas teologias revelam um maior escutar da África" (2020, p. 249).

Nesse sentido, o autor dá a palavra para Muanamosi Matumona, teólogo e jornalista angolano, falecido em 2011, para quem o tema *reconstrução da África* era central:

> para a África, o problema atual é de reconstruir o continente em todos os sentidos: religioso, moral, económico, político, cultural [...]. A questão da reconstrução de África deve considerar as inumeráveis "feridas sociais" do continente que são os problemas mais candentes de África. Daí, o papel da Teologia Africana da Reconstrução de influenciar também o contexto cultural, interpelando a Palavra de Deus e projetá-la nas novas conceções e nas novas situações (Nunes, 2020, p. 253).

Ainda a respeito das *teologias da reconstrução*, além de Matumona, o autor destaca Jesse Mūgambi (queniano) e Kä Mana (congolês).

3.2. *Fora do continente africano: o caso brasileiro*

No que diz respeito ao Brasil, a Teologia Negra pode ser compreendida de modo geral como "a sistematização de reflexões que surgiram com a militância pastoral negra católica,[7] na virada da década de 1970 para 1980, e que, no decorrer do tempo, contou também com a contribuição de teólogos e teólogas negros/as protestantes" (Andrade; Domingues, 2023). Ainda nesse sentido, testemunhando o nascedouro da Teologia Negra no campo do catolicismo brasileiro, temos a criação do Grupo de União e Consciência Negra, em 1978 (Santos, 2017).

Na década de 1980, ocorreu uma aproximação entre movimentos pastorais de negritude brasileiros e grupos religiosos negros que atuavam no âmbito da América Latina, graças ao I Encontro de Pastoral Afro-americana (EPA),[8] realizado na cidade de Buenaventura, Colômbia, no ano de 1980 (Silva, 2014). Atualmente, a Teologia Negra desenvolvida no Brasil apresenta um caráter plurirreligioso.

Esse jeito próprio da Teologia Negra de lidar com a Teologia, de elaborar pensamento teológico, de unir teoria e práxis já está presente no Brasil. A nível de ilustração, podemos considerar os fatos e reflexões pelo texto *Teologia Negra e mulherismo africana. O poder das mulheres negras de matrigestar potências de vida* (Caldeira, 2023).

A partir de um caso, vivenciado pela escritora, a respeito da Igreja das Santas Pretas (Belo Horizonte – MG), o artigo contrapõe, numa perspectiva descolonializada, dois discursos teológicos: o hegemônico e o de "resistência". O primeiro (patriarcal e racista) tem como principal referência teórica a filosofia ocidental; o segundo tem como base teórica principal "[...] o pensamento negro, a filosofia africana e, de modo especial, o mulherismo africano" (Caldeira, 2023, p. 213).

Nele, temos um bom exemplo da Teologia Negra, vista como um tipo de saber libertário, pois o referido escrito lida com o referido ramo teológico, considerando-o um tipo de conhecimento de resistência e de libertação, da África e dos afrodescendentes. Vale destacar que:

> no Brasil, a Teologia Negra tem o seu advento entre as décadas de 1980 e 1990, articulando mensagem cristã com pautas relativas ao racismo e antirracismo. Sua sistematização foi resultante da militância pastoral negra e ganhou projeção e maior relevância por meio das publicações do Grupo Atabaque. Seja no Brasil, nos Estados Unidos, na África do Sul ou nos diversos países onde angariou adeptos, em linhas gerais, a Teologia Negra consiste numa hermenêutica contextual que engendra uma

[7] A respeito das pastorais de negritude, vale conferir *O surgimento das afro-pastorais: estudo sobre teologias(s) negra(s) e algumas implicações pastorais no Brasil* (Oliveira, 2021).

[8] Recentemente, em setembro de 2025, foi realizado em Luján, Argentina, o XVI Encontro de Pastoral Afro-americana e Caribenha (EPA 16). O referido evento mostra a continuação e o fortalecimento dessas reflexões e atividades.

> interpretação bíblica à luz da situação histórica do povo negro (Andrade; Domingues, 2023, p. 540).

De fato, em nosso país, colocar-se em prontidão crítica diante do próprio saber apresentado como ocidental, assumindo assim uma atitude decolonial, é uma característica fundamental da Teologia Negra que vem sendo elaborada aqui no Brasil nessas últimas cinco décadas, em um esforço sempre crescente que envolve cada vez mais pesquisadores e pesquisadoras. Assim, não resta dúvida de que:

> a proposta de investigar conhecimentos não eurocêntricos sobre a experiência negra, de se recusar a ver as populações afrodiaspóricas como massa amorfa e simplesmente submissa, escarafunchando sua capacidade de ação, resistência, reapropriação e produção de saberes, é um esforço heurístico *a priori* deveras positivo, que desafia o projeto Decolonial (Andrade; Domingues, 2023, p. 541-42).

Na verdade, é necessário empreender esforços a fim de que seja fortalecido o diálogo entre as investigações decoloniais e os estudos afro-brasileiros (Andrade; Domingues, 2023). Nesse sentido, o trabalho que vem sendo desenvolvido no campo da Teologia Negra, aqui no Brasil, é um bom exemplo para o êxito desse esforço dialógico.

Considerações finais

Seja na pesquisa que deu origem a este texto, seja ao longo do processo de escrita dele, o tempo todo lidamos com a Teologia Negra, tratando-a como um tipo de episteme africana de nossos tempos, além disso ela foi considerada por nós como uma forma de conhecimento em elaboração, portanto sempre nos reportamos a ela de modo não dogmático,[9] mas histórico e crítico. Dessa forma, o espírito histórico, que fez surgir e dá vida à Teologia Negra, atua sobre o pensamento teológico em elaboração e atuação no continente africano. Por isso,

> [...] o teólogo africano que deseje tornar-se intérprete da fé de suas comunidades deve abandonar o "asilo epistemológico" de culturas e filosofias alheias. Trata-se de recuperar a africanidade, sua visão da vida, sua cultura, sua sabedoria e religiosidade. / A teologia africana crítica é apenas um começo; ela não elabora um discurso teológico africano acabado, mas apenas mostra a possibilidade e a legitimidade epistemológica de tal discurso (Vicente, 2022, p. 63).

[9] Embora entendamos que para qualquer discurso teológico, seja ele qual for, existe sempre margem para algo de dogmatismo. Contudo, se assim for, que este dogmatismo seja desinflacionado ao máximo. Para quem discordar de uma teologia menos dogmática, nós lembramos que a dimensão histórica do ser humano não é, por definição, contrária a uma visão transcendental do homem, mas complementar.

Como discurso dialógico de libertação (interessado não apenas em livrar a alma humana das amarras do pecado, mas também dedicado a libertar o corpo da pessoa humana das estruturas desumanizantes de poder, que maltratam, fazem sofrer e matam), a Teologia Negra (pensamento transcendente, mas também histórico), sem se fechar para as contribuições teóricas da filosofia Ocidental, elege como a sua referência teórica principal as contribuições filosóficas advindas da África e produzidas por pensadores africanos.

Atuando dessa maneira, a Teologia Negra se mostra como uma novidade epistêmica hodierna não apenas criativa e atraente (do ponto de vista gnosiológico), mas também vigorosa e útil (para uma prática pastoral que não desconsidera a dimensão imanentista do ser humano). Nesta perspectiva, a Teologia Negra enriquece o pensamento teológico africano, pois "as teologias africanas são, afinal, a afirmação justa e natural da necessária pluralidade na reflexão teológica" (Nunes, 2020, p. 253).

REFERÊNCIAS

AJA, Egbeke. *Elements of theory of knowledge*. Enugu: Auto-Century, 1993.

ANDRADE, Charlisson Silva de; DOMINGUES, Petrônio. Decolonialidade e a Teologia Negra no Brasil: o lugar afrodiaspórico no projeto decolonial. *Contemporânea*, v. 13, n. 2, p. 539-64, maio/ago. 2023. https://doi.org/10.14244/contemp.v13i2.1143.

ANDRADE, Charlisson Silva de; SANTOS, Joe Marçal Gonçalves dos. A Teologia Negra da libertação em James Cone: aspectos de sua hermenêutica contextual a partir de *O Deus dos Oprimidos* (1975). *Interações*, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 355-74, ago./dez. 2018. https://doi.org/10.5752/p.1983-2478.2018v13n24p355-374.

ASUKWO, Offiong; ETTA, Emmanuel. The reality of African epistemology. *IJISET*, v. 6, n. 10, p. 279-305, out. 2019.

BERNARDI, Tommaso. La fondazione razionale della teologia nel *Proslogion* di Anselmo d'Aosta. *B@belonline*, Milão, v. 9, p. 31-46, 2010. http://doi.org/10.13134/2531-8624/9-2010/4.

BRANDT, Hermann. Por que teologia "científica"? *Estudos teológicos*, São Leopoldo, v. 12, n. 2, p. 94-99, 1972.

BOULAGA, Fabien Eboussi. *La crise du Muntu*: authenticité africaine et philosophie. Paris: Présence Africaine, 1977.

CALDEIRA, Cleusa. Teologia Negra e mulherismo africana. O poder das mulheres negras de matrigestar potências de vida. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 55, n. 1, p. 213-37, jan./abr. 2023. https://doi.org/10.20911/21768757v55n1p213/2023.

CALDEIRA, Cleusa. Theoquilombism: black theology between political theology and theology of inculturation. *Perspectiva teológica*, Belo Horizonte, v. 53, n. 1, p. 137-59, jan./abr. 2021. https://doi.org/10.20911/21768757v53n1p137/2021.

CARNAP, Rudolf; HAHN, Hans; NEURATH, Otto. A concepção científica do mundo: o Círculo de Viena. Trad. Fernando Pio de Almeida Fleck. *Cadernos de história e filosofia da ciência*, Campinas, v. 10, p. 5-20, 1986.

CONE, James Hal. *A Black Theology of liberation*. Filadélfia: J. B. Lippincott, 1970.

CONE, James Hal. *Black Theology and Black Power*. 2ª ed. Nova Iorque: Orbis, 1997.

DIOUF, Ndèye Awa. La philosophie africaine comme expérience de la liberté chez Ebénezer Njoh-Mouelle. *Telos*, v. 6, p. 29-41, 2019. https://doi.org/10.65846/gxwd6140.

DUNAWAY, Filipe. *A Teologia Negra*: uma introdução. [*S. l.*: *S. n.*], [20--?]. Disponível em: https://www2.teologica.br/webportal/home/images/stories/enade/teologia_negra.pdf. Acesso em: 7 nov. 2026.

GYEKYE, Kwame. Person and community in African thought. *In*: GYEKYE, Kwame; WIREDU, Kwasi (ed.). *Person and community*: Ghanaian philosophical studies. Vol. 1. Washington, D.C.: CRVP, 1992, p. 101-22.

IPPOLITO, Benedetto. La sapienza teologica di Giovanni Duns Scoto. *B@belonline*, Milão, v. 9, p. 75-88, 2010. https://doi.org/10.13134/2531-8624/9-2010/7.

MAZRUI, Ali Al'amin. *The African condition*: a political diagnosis. Londres: Heinemann, 1980.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. *Estudos afro-asiáticos*, v. 23, n. 1, p. 171-209, 2001. https://doi.org/10.1590/s0101-546x2001000100007.

MBITI, John. *African religions and philosophies.* Oxford: Heinemann, 1969.

MORENO, Carlos María Marrero. "El cristianismo occidental nació em el sur del mediterráneo": el norte de África y los comienzos de la literatura cristiana latina. Siglos II-IV. *Almogaren*, v. 54, p. 41-62, 2014.

MUDIMBE, Valentin-Yves. *A invenção de África*: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Trad. Ana Medeiros. Mangualde: Pedago, 2013.

NUNES, José. Teologias em contexto africano. *Ephata*, v. 2, n. 2, p. 247-54, 2020. https://doi.org/10.34632/ephata.2020.9541.

OBENGA, Théophile. *O sentido da luta contra o africanismo eurocentrista*. Luanda: Pedago, 2013.

OLIVEIRA, Marcos Barbosa de. Neutralidade da ciência, desencantamento do mundo e controle da natureza. *Scientiæ studia*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 97-116, mar. 2008. https://doi.org/10.1590/s1678-31662008000100005.

OLIVEIRA, Moisés de; SILVA, Bruno. Teologia Negra como forma de libertação da opressão. *Direito e práxis*, v. 13, n. 3, p. 2102-111, 2022. https://doi.org/10.1590/2179-8966/2021/62711. Resenha de: CONE, James Hal. Teologia Negra. São Paulo: Recriar, 2020.

OLIVEIRA, Ronan Lima Franco de. *O surgimento das afro-pastorais*: estudo sobre teologias(s) negra(s) e algumas implicações pastorais no Brasil. 2021. 148f. Tese (Mestrado em Teologia) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

SANTA SÉ. João Paulo II. Ecclesia in Africa. [Aos bispos, aos presbíteros e diáconos, aos religiosos e religiosas e a todos os fiéis leigos sobre a Igreja em África e a sua missão evangelizadora rumo ao ano 2000]. *Exortação apostólica pós-sinodal*: Festa da Exaltação da Santa Cruz, Yaoundé (Camarões), 14 set. 1995. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_14091995_ecclesia-in-africa.html. Acesso em: 7 nov. 2026.

SANTOS, Leontino Faria dos. Toward a black theology in Brazil. *CrossCurrents*, Carolina do Norte, v. 67, n. 1, p. 35-54, mar. 2017. https://doi.org/10.1353/cro.2017.a782617.

SILVA, Marcos Rodrigues da. *Mulangos e Mulangas registram a possibilidade de uma Reflexão Teológica Afro-Americana* – Centro Atabaque – Teologia e Cultura Negra. 2014. 153f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Pulo, 2014.

SILVA, Mariana Martha de Cerqueira. Aportes teóricos de epistemologias africanas. *Fragmentos de cultura*, Goiânia, v. 34, n. 3, p. 545-54, 2024. https://doi.org/10.18224/frag.v34i3.14542.

SINNER, Rudolf Eduard von. Teologia como ciência. *Estudos teológicos*, v. 47, n. 2, p. 57-66, 2007.

TOWA, Marcien. *A ideia de uma filosofia negro-africana*. Curitiba: NEAB; Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

VICENTE, José Armando. Teologia formal africana**.** *Revista ibero-americana de humanidades, ciências e educação*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 51-65, 2022. https://doi.org/10.51891/rease.v8i1.3723.

WIREDU, Kwasi. Conceptual decolonization as an imperative in contemporary African philosophy: some personal reflections. *Rue Descartes*, v. 2. n. 36, p. 53-64, 2002. https://doi.org/10.3917/rdes.036.0053.